



A MULHER, O PECADO E JESUS

THE WOMAN, SIN AND JESUS

*Sandra Helena Rios de Araujo**1

RESUMO

As questões de gênero e seus enfrentamentos nos parecem uma discussão apenas contemporânea. Todavia, quando estudamos os textos sagrados, no caso específico a Bíblia, percebemos que elas são muito mais antigas. Aliás, elas começaram desde a narrativa da Criação descrita no livro do Gênesis. A partir do relato do “casal inaugural”, num jogo de luz e sombras, vamos encontrar o traçado do perfil da mulher e seus papéis a serem desempenhados naquela cultura e que se espraiam no seio do cristianismo. A reflexão aqui apresentada evidencia o quanto a mulher, de cujo ventre nasceu o pecado, teve sua própria corporeidade decretada impura e enquadrada pela legislação patriarcal judaica. Ela encontrou, entretanto, na figura de Jesus de Nazaré, alguém que a colocou definitivamente no lugar que lhe cabia, isto é, “filha de Israel”, participante do “povo eleito”. Ainda mais. “Aquele nascido de mulher” sacralizou o ventre. Em Jesus Cristo, a mulher encontrou outros papéis a assumir: tornou-se discípula e apóstola. Não só. Contribuiu para o início de sua missão messiânica; acompanhou-o pelos vilarejos; seguiu passo a passo sua via-crucis; aceitou alargar sua maternidade sobre a humanidade inteira; acolheu-o morto em seus braços; e gritou a vitória sobre a morte proclamando sua Ressurreição. Eis a reflexão que propomos.

Palavras-chave: Cristianismo; Gênero; Patriarcado; Sexualidade.

* Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Mestra em Ensino na Saúde pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Especialização em Ginecologia-Obsterícia, Genitoscopia, Clínica Médica e Educação Médica. Graduada em Medicina pela Fundação Universitária de Ciências da Saúde de Alagoas Governador Lamemha Filho (1990). Atualmente, professora assistente do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas - UNCISAL e professora adjunta do Centro Universitário Tiradentes - UNIT. Especialização em Desenvolvimento Docente em Metodologias Ativas. Membro do Grupo de Pesquisa Religião Cristã: fundamentos e desafios contemporâneos.



ABSTRACT

Gender, and facing related issues, may seem a discussion which has emerged only in contemporary times. However, when we study the sacred texts, specially the Bible, we realise that they are much older. In fact, they have started since the narrative of Creation as described in the book of Genesis. The very first human couple reveals, in a perspective marked by light and shadows, the design of the woman's profile and the roles she was supposed to carry out in that culture, which afterwards spread within Christianity. The reflection hereby presented highlights the way the woman, from whose bosom "sin was born", had her corporeality declared impure and framed into the patriarchal Jewish legislation. However she met Jesus of Nazareth, someone that definitely put her on her rightful place as "daughter of Israel" and member of the "elected people". In addition, "The One born from a woman," sacralized the womb. In Jesus Christ the woman found other roles to fulfill: she became not only a disciple and apostle, but also contributed to the beginning of his messianic mission; she accompanied him throughout the villages, and followed him, step by step, on his via crucis; she accepted to extend her maternity over the whole mankind, she carried him dead in her arms; she cried out his victory over death and proclaimed his Resurrection. That is the reflection we propose.

Keywords: Christianity; Gender; Patriarchalism; Sexuality.

1 INTRODUÇÃO

Quem é a mulher? À esta pergunta poderemos encontrar respostas em todas as Humanidades. Cada uma, a partir de seus protocolos, nos colocaria diante de definições as mais diversas. Porém, queremos fazer aqui apenas duas abordagens: a primeira, de caráter biológico, que predominou o imaginário sobre o feminino durante milênios; a segunda, aquela cultural, que determinou e ainda hoje sentencia, os papéis que a mulher desempenha na sociedade em que está inserida.

A concepção biológica, restrita ao aspecto físico, foi o ponto de partida para os estudos da medicina a respeito do corpo feminino. Assim, para a Organização Mundial da Saúde (OMS), o sexo genético possui características biológicas definindo os seres como macho ou fêmea. Aqui não se trata de apresentar um tratado biológico ou médico. Trata-se de situar a diferenciação biológica, porque foi a partir dela que os papéis desempenhados pelas mulheres assumiram nuances sob influências históricas, sociais e culturais no percurso dos séculos.

Quando Simone de Beauvoir afirma "ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (BEAUVOIR, 2016, p. 12), ela sintetiza a proposição de que, para além de sermos macho ou fêmea, existe uma construção sociocultural que determina aquilo que significa ser mulher, aquilo que significa ser homem. Portanto, o sexo assume sua veste de gênero como construção sociocultural. Essa construção se deu a partir de

uma estrutura social patriarcal e sexista que consolidou a heteronormatividade – verdade absoluta até o século passado. Desde então, a partir de movimentos sociais, sobretudo aqueles que se colocaram na linha de frente do combate ao preconceito frente ao aparecimento do HIV-Aids e em favor da busca terapêutica para a cura dessa nova epidemia, a homossexualidade entrou definitivamente na pauta dos debates sobre “temas como diferença, desigualdade, diversidade e identidade na sociedade brasileira contemporânea” (FACCHINI, 2011, p. 19).

Com o olhar voltado para a determinante construção sociocultural dos comportamentos, que perfil, então, e quais papéis foram designados para a mulher na tradição judaica a partir do Antigo Testamento e como Jesus se comportou mesmo sendo judeu? Eis o percurso que vamos seguir.

2 A MULHER: VENTRE DO PECADO?

O livro primeiro da Bíblia, o Gênesis, “escrito provavelmente por volta do século VIII a.C., época da realeza de Israel” (GEBARA1994, p. 44), expõe a ação criadora de Deus. De suas mãos tudo provém. Para Marciano Vidal o livro do Gênesis apresenta a condição humana prototípica ou ideal. Comentando sua narrativa, Vidal explica que

Não se trata de uma história no sentido atual e nem de relatos míticos tais como existiam nas literaturas religiosas da Mesopotâmia e de Canaã. O gênero literário dos onze primeiros capítulos do Gênesis foi qualificado como uma etiologia teológica. Isto quer dizer: eles tentaram expor a causa das grandezas e misérias da condição humana por meio de algumas reflexões sobre a fé no Deus da revelação. (VIDAL, 1978, p. 41).

É nesse contexto que encontramos os relatos sobre o casal inaugural num extraordinário jogo de luz (o paraíso) e sombra (o pecado). Dentro desse jogo, analisando as origens do mal, Ivone Gebara lembra que foi imputada à mulher a culpabilidade de sua gênese. “Por causa desse erro que lhe foi atribuído, a mulher teve mais responsabilidade do que o homem na chamada culpa original, narrada no mito adâmico” (GEBARA, 1994, p. 41), atribuindo a essa incorreção o motivo pelo qual a mulher “foi exilada na desigualdade, na impureza, na submissão e na dependência em relação ao homem”.

Embrenhando-se nos estudos da construção de tal mito especificamente no terceiro capítulo do Gênesis, Gebara, como se nos colocasse dentro de um teatro e nos convidasse a assistir a peça cujo enredo se estabelece a partir do jogo de luz e sombra, traça o papel desempenhado por cada um de seus personagens: a serpente, a mulher, o homem e Deus.

À serpente, é dado um papel de dupla personalidade: se, por um lado é parte da criação de Deus, por outro, lhe é atribuída uma identificação demoníaca quando se apresenta hostil às ordens desse mesmo Deus criador. É a encarnação do contraditório, do inimaginável. O desafio à regra estabelecida se evidencia no diálogo com a mulher. É o convite à transgressão de uma ordem de submissão à autoridade. É o encorajamento para infringir a lei. É a possibilidade de tornar-se deusa, de adquirir o conhecimento do bem e do mal.

O diálogo da serpente com a mulher é de extraordinária riqueza. Por meio dele, a mulher percebe que a árvore era desejável ao apetite, formosa à vista e boa para adquirir discernimento. A mulher desperta para o outro lado da proibição, isto é, para a curiosidade, para o prazer. Ela capta o lado prazeroso do proibido, o acesso ao poder e aceita a transgressão. Esta aparece então como crescimento humano, como liberdade experimentada, como escolha de um caminho, norteadas por razões existenciais, muito além da proibição. Em nenhum momento há hesitação; em nenhum momento surge a lembrança do paraíso anterior: é o momento vivido que parece orientar a opção (GEBARA, 1994, p. 46).

Mas a transgressão, o prazer, a ousadia, o sabor do proibido, têm seu preço. Como consequência do mito adâmico, à mulher é creditada a responsabilidade pela violação do estabelecido, da regra, da determinação. Assim, além da própria culpabilidade, “a mulher ficou associada à fraqueza, à fragilidade, à volúpia, à tentação, ao pecado” (GEBARA, 1990, p. 28).

E acrescenta que “a tradição patriarcal parece ter ligado a esse instante de infração o início do relacionamento sexual” (GEBARA, 1994, p. 46), associando a sexualidade à quebra da inocência.

A prática sexual foi associada, pois, ao próprio mal, acreditando-se que o chamado pecado original vinha através da relação sexual. A geração de uma nova vida estava então associada à transmissão do pecado das origens. A mulher tem então um papel particularmente frágil de sedutora, uma vez que consente no mal e leva também o homem a praticá-lo (GEBARA, 1994, p. 46).

Mas Deus descobre a desobediência quando, passeando pelo Éden, não encontra nenhum dos dois. Chama o homem, questiona, percebe que eles (homem e mulher) desenvolveram o autoconhecimento, a singularidade, a subjetividade – estavam nus. Diante da nudez e daquilo que são essencialmente, instala-se o jogo de apontar culpados.

lahweh Deus chamou o homem: “Onde estás?” disse ele. “Ouvi teu passo no jardim”, respondeu o homem; “tive medo porque estou nu, e me escondi”. Ele retomou: “E quem te fez saber que estavas nu? Comeste, então, da árvore que te proibi de comer!” O homem respondeu: “A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi!” lahweh Deus disse à mulher: “Que fizeste?” E a mulher respondeu: “A serpente me seduziu e eu comi”. (Gênesis 3, 9-13).

O homem, na narrativa bíblica (Gênesis, 3,6), apenas comeu o fruto oferecido pela mulher. Eis, tão somente, a sua participação: aceitou o que a mulher lhe ofereceu. Foi seduzido. Tornou-se vítima. É papel secundário na trama, porém os autores do texto o colocaram no pedestal, afinal o próprio Deus o moldou do pó da terra e, através de suas narinas, soprou o fôlego da vida (Gênesis 2,7). A mulher? Nasceu da costela de Adão com o destino determinado de lhe fazer companhia. “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda” (Gênesis 2, 18). Ela é quem o traiu. Em sua justificativa, o homem lembra que tal comportamento veio da mulher que Deus colocou junto dele. Ela não é mais lembrada como aquela que, por ter saído de sua costela, “esta, sim, é osso dos meus ossos e carne de minha carne!” (Gênesis 3,23), portanto consubstancial a ele. O homem tenta dividir a culpa com a mulher e com o próprio Deus Criador.

Porém, o diálogo/julgamento narrado na bíblia, termina em condenação e maldição para os três envolvidos. À serpente, Deus disse: “Porque fizeste isso és maldita entre todos os animais domésticos e todas as feras [...]. Caminharás sobre teu ventre e comerás poeira todos os dias de tua vida” (Gênesis 3,14). À mulher, o aumento das dores do parto e a submissão ao marido: “Teu desejo te impelirá ao teu marido e ele te dominará” (Gênesis 3,16). Ao homem, a rudeza do trabalho e a maldição da terra: “Maldito é o solo por causa de ti! [...]. Ele produzirá para ti espinhos e cardos [...]. Com o suor do teu rosto comerás teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó tornarás (Gênesis 3, 17-19).

Assim, a natureza, a casa, a sociedade – correspondência simbólica da serpente, da mulher e do homem – estão marcadas pela maldição, fruto de uma transgressão primordial à lei do Pai todo-poderoso. Está, pois, explicada a origem do mal (GEBARA, 1994, p. 48).

Diante dessa construção do mito adâmico Gebara coloca em pauta uma questão absolutamente fundamental para a compreensão da formação patriarcal da tradição bíblica: esse comportamento milenar em relação à mulher é consequência de uma profunda percepção “de seu poder como mãe dos viventes” (1990, p. 29). Assim, a mulher é algo muito maior que ela mesma: é o símbolo maior da humanidade.

A humanidade, em sua expressão feminina, faz aparecer mais fortemente as forças da vida, imensas, obscuras, indomáveis, sedutoras, ora silenciosas, ora estrondosamente barulhentas, escapando de certa forma ao controle da razão. Essa força vital de atração e medo é simbolizada na figura da mulher, como se nela fosse representado de certa maneira o caos. É como se o ser humano escolhesse uma parte de si mesmo e a combatesse pelo temor que sua grandeza lhe inspira. É como se para fugir-lhe armasse razões, tecesse redes, construísse mitos, elaborasse discursos para exorcizar, através da negação, o medo de seu poder. O útero escuro, primeiro espaço de vida em conjunto, a profundidade da terra fértil, as grandes águas, o leite que alimenta, o sangue que corre, o regaço que acolhe e protege, seduzem e amedrontam ao mesmo tempo. (GEBARA, 1990, p. 29).

Nesse útero escuro e dentro dele, é fecundado e se desenvolve o fruto do pecado original do qual, segundo a doutrina da Igreja Católica, todos nós descendemos (CIC², n. 404).

E Deus?

Deus fica inocentado: ele criou todas as coisas boas... Havia apenas a possibilidade de transgressão e eis que ela se realizou. Por isso, os seres humanos vivem na nostalgia do paraíso, no desejo intenso de voltar à harmonia paradisíaca, à amizade com Deus, superando sua própria condição de malditos e malditas. [...]. Coube à mulher a pior parte, a de carregar nos ombros a fraqueza de ter cedido à serpente. (GEBARA, 1994, p. 48).

Paralelamente, Gebara lembra que Ele, de certa forma, foi constrangido a experimentar o fracasso, visto que aqueles criados à Sua imagem e semelhança, desviaram-se, desobedeceram, não seguiram as prescrições anunciadas. Lembra que essa temática da ira e tristeza de Deus aparece em outros textos bíblicos “com o

² CIC – Catecismo da Igreja Católica.

intuito de mobilizar o ser humano a voltar-se para seu criador através da prática do bem e da justiça” (GEBARA, 1994, p. 47).

Na formatação da legislação patriarcal judaica estão inclusos os tabus. Para Marciano Vidal esses tabus encontram-se relacionados ao conceito de puro e impuro. Nesse sentido, “a ética sexual do Antigo Testamento se situa dentro de uma tonalidade tabuística. [...] Nela se acha uma série de prescrições rituais que estão em relação direta com a sexualidade” (VIDAL, 1978, p. 39). Essas prescrições, pois, determinam o estado de pureza ou impureza, assim como as formas de purificação. Dentro das impurezas estão relacionadas, também, a menstruação e o parto (VIDAL, 1978, p. 40). Eis o útero novamente enquadrado naquilo que é ruim, impuro, pecaminoso.

Assim, a própria corporeidade feminina era o primeiro e principal elemento determinante de sua inferioridade. Em síntese, Gebara e Bingemer (1988, p. 61) descrevem tal concepção evidenciando três aspectos: o primeiro como “portador e causa da entrada do pecado no mundo”, de onde brotou a culpabilidade de todos os males que ainda hoje afligem a humanidade; o segundo associava sua própria constituição biológica às impurezas de toda ordem a ponto de, no período de seu ciclo menstrual, transmitir essa impureza a tudo que fizesse, tocasse, pisasse ou sentasse; o terceiro o “não valer por si só, mas apenas como receptáculo [...] do sêmen masculino” (GEBARA; BINGEMER, 1988, p. 62).

Entende-se, então, a oração matinal dos judeus: “Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste mulher” e a mulher: “Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que me fizeste segundo Tua vontade” (KOCHMANN, 2005, p. 36).

3 AS MULHERES E JESUS

Jesus era judeu e, portanto, carregava em si a herança da cultura judaica. Ao mesmo tempo, o seu povo vivia sob o domínio do império romano. Assim sendo, sob o jugo religioso da tradição judaica, com seus sacerdotes, fariseus e escribas, e sob o jugo político das determinações do poderio de Roma com seus césares, seus soldados, seus republicanos, ou cobradores de impostos. O seu povo se espremia entre esses dois poderes. Contra eles, alguns movimentos afloravam aqui e ali, como forma de

enfrentamento e resistência, reprimidos pela rigidez das leis religiosas e civis em sua aplicabilidade em relação aos mais pobres. O “movimento de Jesus” nasce como mais um, enfronhado nas periferias, confrantando os poderes constituídos.

No que se refere à tradição judaica e seus ensinamentos, Jesus conhece tudo e vem como “sinal de contradição” (Lucas 2, 34) já a partir de seu nascimento. Quando Paulo, em sua carta aos Gálatas (4,4), anunciando Jesus como aquele que, vindo na “plenitude do tempo”, inaugura um novo tempo para a humanidade, coloca o ventre materno no centro. A expressão “nascido de mulher”, comum ao judaísmo da época, atesta “a condição humana de alguém” (GEBARA; BINGEMER, 1988, P. 69). Significa, pois, que Deus assume nossa condição, como anunciado no evangelho de João: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (João 1, 14). Mas, para tanto, precisou de um ventre materno, o ventre de Maria. Não precisou do elemento masculino. É apenas o ventre que acolhe o mistério da Encarnação “quando, porém, chegou a plenitude do tempo” (Gálatas 4,4). Para Gebara e Bingemer (1988, p. 69), o apóstolo coloca o mistério da Encarnação do Filho de Deus como eixo central de uma nova humanidade. De onde brotou esse “eixo central”? Do ventre de Maria. Esse judeu “nascido de mulher” rompe, já a partir de sua concepção, com o antigo, para propor um brinde à essa nova criação com um vinho novo. Assim, inaugura-se, também, a sacralidade do ventre da mulher.

A entrada definitiva do próprio Deus nessa Criação, por meio da carne da mulher, inaugura um novo tempo, pleno; uma Nova Criação, onde o Espírito do Criador de Deus faz novas todas as coisas, engravidando virgens e inaugurando mundos, derrubando poderosos e exaltando humildes saciando famintos e despojando ricos. Do corpo de uma mulher que é singular – Maria de Nazaré – mas que também é figura do povo – Sião fiel, escolhida e ardentemente amada como esposa – a Aliança do Espírito com a história e a carne humanas faz irromper o novo povo, o novo Israel, Jesus Cristo (GEBARA; BINGEMER, 1988, p. 71).

É a partir da mulher que Jesus inicia sua vida pública, na simplicidade da celebração de um casamento, em Caná da Galiléia, uma pequena e insignificante cidade da Palestina de então. É Maria quem percebe a situação constrangedora das famílias dos noivos: não havia mais vinho para ser servido aos convidados.

A cena que advém é de dupla obediência: primeiro, à mulher – Maria; em seguida, ao próprio Jesus. Os servos cumprem exatamente o que Maria dissera, isto é, escutaram

as orientações de Jesus e, mesmo sem entender, apenas encheram as talhas de água até a borda. Ainda sob a orientação de Jesus, levaram uma prova para o mestre-sala. Era o melhor de todos os vinhos. Ninguém sabia de onde viera a bebida, apenas Maria e os servos, isto é, aquela que representava o povo fiel e aqueles que estavam ali para servir a todos, numa representação simbólica de que o Reino instaurado por Jesus é para os últimos.

A partir de então, o Evangelho descreve a beleza do desencadear da salvação no meio da história do povo. A fé do povo do qual Maria é a figura, vê culminadas suas esperanças pela plenitude do dom de Deus que faz jorrar, abundante e festivo, o vinho novo, melhor e mais excelente que o anterior. Os noivos que ofereciam o banquete cedem lugar a Jesus e Maria, o homem e à mulher, novos protagonistas do infundável banquete messiânico que Deus oferece a seu povo (GEBARA; BINGEMER, 1988, p. 95).

Assim, pois, o que caracteriza o movimento de Jesus iniciado ali, naquela festa de núpcias, é sua vinculação às ideias de liberdade, universalidade e amor. O movimento de Jesus “não é nacionalista, nem clerical, nem rigorista, nem legalista, nem monacal, nem sacerdotal. Insiste na ação concreta em prol do próximo” (HOORNAERT, 2016, p. 40). Nesse movimento inclusivo, cabia todas e todos.

O teólogo Pierre Debergé (2003) admite que Jesus adotou uma postura de discricção em relação à vida sexual das pessoas do mundo de seu tempo. Em um de seus livros, o autor destaca quatro significativos encontros de Jesus com as mulheres.

O primeiro é aquele com uma “mulher doente”. “Se ao menos tocar suas roupas, serei salva” (Marcos 5,28). Quem era aquela mulher que sofria com problemas hemorrágicos? Estaria acometida de um sangramento uterino disfuncional? De um tumor uterino? Independente do diagnóstico, abolindo o que era um verdadeiro tabu sexual, Jesus “não só permite que a mulher desrespeite a lei, tocando-o clandestinamente, como, depois de chamá-la, reconhece sua fé” (DEBERGÉ, 2003, p. 75).

Nesse episódio, Elisabeth Fiorenza chama a atenção para um fato determinante em relação à mulher: ali não se tratava apenas de uma doença. Referia-se também a um permanente estado de exclusão visto que o ciclo menstrual estava entre os motivos da impureza feminina. A presença daquela mulher tornava impuro quem lhe tocasse ou aquilo que ela mesma colocasse a mão. Jesus rompe com tudo isso, e “a chama

filha de Israel e anuncia: vai em paz, isto é, seja feliz e plena (*shalom*). Ficaste curada” (FIORENZA, 1992, p. 156). Jesus devolveu àquela mulher não apenas a saúde física, mas também a saúde moral. Restituiu nela a possibilidade de retornar ao convívio social; de ser, outra vez, culturalmente pura e, portanto, aceita; de participar novamente dos preceitos religiosos. Quando a chama “filha de Israel” – expressão pouco usada em relação à mulher – atesta sua pertença ao Povo Eleito.

O segundo encontro mencionado pelo autor é aquele que acontece na casa de um fariseu (Lucas 7,36-50). Uma mulher considerada pecadora adentra a casa, encontra Jesus, chora a seus pés, unge os pés do Messias com o perfume que trouxera. Para Debergé, qual a importância deste episódio?

A profunda liberdade de Jesus que, desprezando as regras e as conveniências, reconhece a dignidade daquela mulher. [...]. Mas, ao mesmo tempo que ele a liberta de sua história e do peso de uma sociedade que a rejeita, Jesus também liberta aquela mulher de sentimentos que poderiam aprisioná-la numa ligação muito estreita com Aquele que a tocou por sua mensagem e seus gestos de amor. Portanto, ele não aproveita da fraqueza dela [...]; ele permite que ela seja plenamente ela, no acolhimento do Amor de Deus (DEBERGÉ, 2003, p 76).

Comentando tal narrativa, Fiorenza lembra que o evangelista não menciona que espécie de pecado aquela mulher carregava. “Poderia ter sido uma criminosa, uma impura ritualmente ou uma pessoa moralmente má, uma prostituta [...] ou a esposa de um pecador notório” (1992, p. 163). O importante, para Fiorenza, é que nesse episódio, como naquele narrado anteriormente da mulher que sofria de hemorragia, compreende-se quem fazia parte do movimento de Jesus caracterizado pela inclusão.

As narrativas afirmam, pois, que Jesus e o seu movimento convidavam à sua comunidade de mesa não apenas mulheres, mas também pecadoras notórias e bem conhecidas. Pecadores, prostitutas, mendigos, coletores de taxas, os impuros ritualmente, os aleijados e os empobrecidos – em resumo, o refúgio da sociedade da Palestina – constituía a maioria dos seguidores de Jesus. Estes são os últimos que se tornaram os primeiros, os famintos que foram saciados, os não-convidados que foram convidados. E muitos destes eram mulheres (FIORENZA, 1992, p. 163).

O terceiro encontro citado por Debergé (2003) é aquele com a mulher adúltera que, prestes a ser apedrejada, encontrou em Jesus uma nova possibilidade de viver. Neste

episódio o evangelista João (8,1-11) nos permite compreender o profundo significado da ação de Jesus.

Ele estava em Jerusalém porque era o período da festa das tendas, ou dos tabernáculos. Após a festa, escribas e fariseus trouxeram uma mulher adúltera, colocando em cheque a postura de Jesus diante da lei do apedrejamento vigente à época. Uma armadilha, sem dúvida. Cristo remeteu a decisão aos para seus algozes a partir de um singular exame de consciência: “Quem dentre vós estiver sem pecado...” (João 8,7), o que significa dizer que sejam os acusadores irrepreensíveis. Jesus não foi condescendente com o pecado de adultério. Ao contrário, nessa atitude, implicitamente, denuncia a hipocrisia reinante entre os escribas e os fariseus.

Trata-se de uma pequena obra-prima que plasma admiravelmente o coração imenso de Jesus de Nazaré, a situação de humilhação da mulher e o ridículo em que ficam os acusadores. Se ao lermos esse texto recordamos também as palavras de Jesus, “as prostitutas os procederão no Reino”, podemos sentir a fundo a solidariedade de Jesus com as mulheres desprezadas (VELASCO, 1998, p. 100).

Aos grupos de atores deste episódio, Jesus direciona mensagens específicas.

Aos mestres da Lei e aos fariseus que, com o exercício da autoridade que lhes era pertinente, buscavam a condenação da mulher e a ratificação de suas leis injustas alicerçadas numa moral diferenciada referente ao homem e à mulher, Jesus, com uma simples frase – “Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra!” (João 8,7) – “desmonta toda a tradição e a lei judaica sobre o adultério, tradição e lei discriminatórias para a mulher” (VELASCO, 1998, p. 103).

À mulher, na iminência de morte, sentença justificada pela lei, Jesus restitui a possibilidade de continuar viva: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou? [...]. Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais” (João 8,10-11). “Não peques mais”, eis a expressão que exprime a possibilidade de uma nova vida, e vida em plenitude, porque a fez experimentar o perdão, a liberdade de si mesma e a acolhida sem condenações nem preconceitos.

Ao povo, outro personagem desta história, que fica em cima do muro, Jesus mostra, mesmo sem dizer uma palavra a este respeito, o quanto a ausência de posicionamento pode balizar uma sentença de morte. Esse povo, não assumindo nenhuma posição, espera uma atitude de Jesus, justamente por não ter coragem de

se colocar contra as leis cujos representantes estavam presentes. É a clássica transferência de responsabilidades.

Por fim, considerada uma das célebres passagens do Evangelho, temos o encontro com a samaritana. Ali, à beira do poço de Jacó, situado na cidade de Sicar, na Samaria, Jesus provocou o improvável. Segundo Velasco, ao estabelecer um prolongado diálogo com a samaritana, Jesus rasga o véu e coloca por terra alguns tabus que estavam nas entranhas tanto do povo judeu quanto do povo samaritano, a começar pelo diálogo em si mesmo, visto que “a proibição de falar com uma mulher em público era peremptória; muito mais em se tratando de um mestre, e Jesus o era” (VELASCO, 1998, p. 109). Diferente de outros encontros narrados nos Evangelhos, nesse não se trata da busca por um benefício pessoal de cura ou de perdão, por exemplo. Constituiu-se em um diálogo teológico. Eis outra ruptura. À mulher, a quem sequer era permitida a leitura do Toráh, Jesus a torna digna de uma revelação direta.

Neste aspecto deve-se considerar não só a atitude de Jesus, mas também a da mulher. Ela não assume passivamente um papel silencioso, de esperar que lhe seja dada a revelação; a mulher confronta, pergunta, discute. [...]. Não se trata tampouco de uma dádiva generosa de Jesus; a mulher com quem ele se encontra é uma mulher capaz de reflexão, de interrogação (a interrogação é a primeira condição indispensável para o conhecimento). Finalmente esse diálogo teológico entre Jesus e a mulher lança por terra qualquer argumentação de discriminação sexual (VELASCO, 1998, p. 110).

Nem mesmo os discípulos compreenderam tal atitude. Não sabiam que Jesus, rompendo tais regras, tinha um objetivo: “permitir que aquela mulher seja verdadeira consigo mesma” (DEBERGÉ, 2003, p. 77). Nesta verdade de si, a vida sexual se debulhou e, ao mesmo tempo, encontrou e restaurou sua própria dignidade.

É justamente diante da samaritana que também Jesus se despoja e se apresenta como Messias que é. “Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: ‘Dá-me de beber’ ...” (João 4,10). “A mulher lhe disse: Sei que vem um Messias (que se chama Cristo). Quando ele vier, nos explicará tudo. Disse-lhe Jesus: Sou eu, que falo contigo” (João 4,25-26).

Naquele tempo, o testemunho era considerado condição *si ne qua non* para ser discípulo de Jesus. Foi justamente isso que aquela mulher fez: “Deixou seu cântaro e correu à cidade dizendo a todos: ‘Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz.

Não seria ele o Cristo?’ [...] Saíram da cidade e foram ao seu encontro” (João 4,28-30). Dá testemunho do Messias. Converte-se, portanto, em apóstola, em discípula. Neste sentido, Carmiña Velasco (1998, p. 108-109) salienta que tal atitude provoca outra ruptura que vai além das fronteiras culturais quando a samaritana, cheia de júbilo, proclama aos seus conterrâneos a mensagem de salvação que vem de Jesus, portanto, do povo judeu. E mais. O anúncio é feito não por uma simples mulher, mas por uma samaritana – estrangeira, sinônimo de impureza, de exclusão. É ela quem diz: “Vinde ver” (João 4,29).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aquele “nascido de mulher” (Gálatas 4,4) veio para dar pleno cumprimento às leis e aos profetas (Mateus 5,17) e, ao mesmo tempo, instaurar o “novo”, o amor recíproco, o perdão, a inclusão e, nesta, as mulheres que o seguiam por toda parte, que não o negaram nem o abandonaram na crucial hora de sua morte; à mulher o Cristo atendeu e, mesmo não sendo sua hora, salvou uma família de um terrível vexame e ofereceu o vinho novo, carregado de profundo e messiânico simbolismo (João 2,1-12); revelou-se àquela da Samaria (João 4); visitou as irmãs de Lázaro (Lucas 10,39-42), consolou-as pela perda do irmão amado e o ressuscitou (João 11,1-29); deu a uma mulher a incumbência de anunciar sua ressurreição.

Portanto, competiu à mulher carregá-lo em seu ventre, apresentá-lo ao Templo e se desesperar quando não mais o viu entre os peregrinos para, depois, encontrá-lo, ainda menino, entre os doutores da lei; contribuir para o início de sua missão messiânica; acompanhá-lo pelos vilarejos, alimentá-lo e tecer suas vestes; seguir passo a passo sua *via-crucis* enquanto os homens esconderam-se amedrontados e o negaram de todas as formas diretas e indiretas; aceitar sua maternidade ser alargada para tantos quantos fossem aqueles que viriam a crer no Cristo; acolhê-lo morto em seus braços; gritar a vitória sobre a morte proclamando a Ressurreição. Como, então, excluir a mulher do movimento de Jesus? Talvez por medo de enfrentar sua grandeza como nos ensinou Ivone Gebara.

É, então, compreensível que Elisabeth Fiorenza proponha uma releitura do cristianismo primitivo, não para negá-lo ou para inventar outra história, mas para ir ao encontro dessas mulheres e compreender o quanto o próprio Jesus construiu, a seu

redor, um “discipulado de iguais”, isto é, o quanto no seu movimento todos eram tratados como iguais, filhos e filhas de um mesmo Pai, Deus, gozando dos mesmos direitos, sem fugir da responsabilidade de seus deveres.

REFERÊNCIAS

BEAUVIOR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 3. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2016.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de *Le Bible de Jérusalem*, edição de 1998, publicada sob a direção da "École biblique de Jérusalem". Edição em língua francesa.ed. ver. ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

DEBERGÉ, Pierre. **O amor e a sexualidade na Bíblia**. Aparecida, SP: Santuário; São Paulo: Cidade Nova, 2003.

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro. Natal: **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 3, n. 04, 2009, p. 131-158.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **As origens cristãs a partir da mulher**: uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.

GEBARA, Ivone. **As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

GEBARA, Ivone. **Teologia em ritmo de mulher**. São Paulo: Paulinas, 1994.

GEBARA, Ivone; BONGEMER, Maria Clara L. **Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres**: um ensaio a partir da mulher e da América Latina. 2. ed. Coleção Teologia e Libertação. Petrópolis: Vozes, 1988.

HOORNAERT, Eduardo. **Origens do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2016.

KOCHMANN, Sandra. **O lugar da mulher no judaísmo**. Revista de Estudos da Religião. nº 2, 2005, p. 34-45. ISSN 1677-1222. Disponível em>: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_kochmann.pdf. Acesso: 07 mai. 2020.

VELASCO, Carmiña Navia. **Bíblia**: caminho para a libertação da mulher. São Paulo: Paulinas, 1998.

VIDAL, Marciano. **Moral do amor e da sexualidade**. São Paulo: Paulinas, 1978.